



Aceita que dói menos

Tiago Schipanski

Composição de Serginho Meriti e de Eri do Cais, a canção “Deixa a vida me levar” foi um marco na carreira do intérprete Zeca Pagodinho e se tornou um dos clássicos do samba moderno. O famoso refrão “Deixa a vida me levar, Vida leva eu, Sou feliz e agradeço por tudo o que Deus me deu” já ambientou muito churrasco de final de semana, recebendo, muitas vezes, versões marcantes por parte dos consumidores das bebidas típicas deste tipo de reunião familiar.

A canção conta a história de quem, apesar de se deparar com situações que contrariavam suas expectativas, nunca se deixou abalar, mas reconheceu que tudo era dádiva divina e agradeceu.

Encarar a vida como uma sucessão de acontecimentos inalteráveis pode parecer a solução que um ser humano, cansado de lutar, tenha adotado para justificar a sua inércia frente às conquistas pessoais. Talvez daí venha a pouca credibilidade que os mais astutos dão a esse modo de vida como uma escolha sábia. Porém, uma vida bem planejada sobre este tripé: aceitação, paciência e adaptação, conduz pela história ideais de sabedoria milenar.

Como sabemos, os estoicos não se achavam a esmo no mundo. Havia uma crença muito forte na existência de um ser supremo ao qual todos os destinos estavam submissos. Nesse sentido, um abandono significaria um ato de sabedoria, porque havia o reconhecimento de que o melhor a se fazer era deixar se conduzir por aquilo que estava encarregado de levar tudo à plena realização.

É difícil se pôr a estudar estas doutrinas e não ensaiar uma forma de vida pautada nelas. Contudo é igualmente complicado uma adesão completa quando se percebe que algumas coisas não são tão atrativas quanto as demais.

Os relatos doxográficos enfatizam que Epicteto teria se mantido imperturbável enquanto estava sendo submetido à torturas por Epafrodito. Sua condição de servo não proibiria uma reação: que outra punição do seu senhor seria mais terrível do que a que gratuitamente estava recebendo?

Uma leitura atenta revela que algumas passagens do *Encheiridion* tratam de situações de fácil resolução, como estar submisso não à vontade da natureza, mas a caprichos humanos. Considerando essas coisas, um estoico ao pé da letra protagonizaria situações no mínimo vexatórias. Parece que temos um problema.

Embora tratando da paz de espírito, gostaria de encerrar essa breve reflexão com esta inquietação: como diferenciar os desígnios da natureza dos caprichos humanos, os nossos e os daqueles que interferem em nossa vida?

Pensem nisso.